

Memória e cultura escolar na Escola Integrada Professora Zélia Scharf (1979-1986)

Aida Rotava Paim¹

*História de um homem é sempre mal contada.
Porque a pessoa é, em todo o tempo, ainda nascente.
Ninguém segue uma única vida,
todos se multiplicam em diversos e transmutáveis homens.
Histórias de Mia Couto (2013)*

Este texto tem por objetivo contar parte da história da Escola Integrada “Professora Zélia Scharf”. Como se trata do início da pesquisa, muitas histórias aqui contadas terão as marcas dos registros oficiais e de rastros encontrados em acumulado de documentos e papéis que alguém guardou sem muita pretensão, nos armários e prateleiras, e que hoje os significo como fontes de pesquisa. Conto também com as histórias contadas no livro comemorativo dos 40 anos da escola (PAIM, 2012). Não seria uma história mal contada, como se refere a epígrafe, mas histórias de pessoas que nascem em todo o tempo, que seguem vidas paralelas e que, também, se entrecruzam relatando seus momentos e suas intenções e assim multiplicando as histórias da escola por diferentes perspectivas.

As escolas quando criadas geram expectativas na comunidade escolar. A Escola Básica “Professora Zélia Scharf” foi criada pelo decreto nº. 1341/SC de 12/12/1972, para abrigar os alunos do bairro da Lagoa, na cidade Chapecó, Santa Catarina. Conforme a primeira diretora professora Hilda Fin (2012. p. 20)

(...) era um terreno vago, não existia nem ruas. Quando começamos a construir a escola abriram os primeiros caminhos para chegar. Eu lembro muito bem que em frente ao Zélia, onde estão construídas estas casas bonitas, havia um enorme taquaral, que os malandros faziam ponto.

Em outros documentos encontrou-se a seguinte descrição: muito distante do centro, rodeada por mato, capoeira, taquaras e barrancos, próxima a ex-zona do meretrício (retirada do local alguns meses antes da inauguração da escola). Quando chovia não chegavam carros na escola. O bairro era pobre, habitado por pessoas humildes em alguns locais possuía características de favela. O acesso à escola era por picadas e pinguelas, pois havia uma lagoa antes da escola, a qual deu nome ao bairro. (EB “PROFESSROA ZÉLIA SCHARF, (s/d). A escola iniciou suas atividades em 19 de março de 1973, atendendo turmas de 1ª a 5ª série do ensino fundamental. Obteve autorização para o funcionamento da 6ª até a 8ª série em 1974.

O início das atividades escolares foi muito precário, conforme as memórias relatadas:

Me lembro bem fomos recebidos pelos professores na área coberta e encaminhados para as salas de aula, mas a sala estava diferente, não tinha carteiras! Só o quadro “verde” e os bancos compridos, aqueles que sentavam várias pessoas num só. Para

¹ Doutora em Educação – UNICAMP e Supervisora Escolar da Rede Pública Estadual de SC

escrever ficávamos de joelho no chão e escrevíamos apoiando o caderno sobre o banco (sic). (Aluno Edgeu Paulo Rotava de 1973 a 1976, 2012, p.64)

Quando foi inaugurada, só tínhamos em mãos a matéria prima, ou melhor, o básico do básico: aluno e professor. Estava faltando praticamente todo o mobiliário, quadras esportivas, biblioteca... (Professora Maria Helena Pacheco em 1973, 2012, p.35).

Minha atuação iniciou em maio de 1973, como secretária da escola que havia começado suas atividades há pouco tempo. Coube-me a tarefa de organizar a secretaria e por ser inexperiente no assunto, fiz um estágio no Colégio Bom Pastor, com a secretária padrão da época... (Lenita Balbinot, secretária em 1973, 2012, p. 37).

Era tarde do dia 19 de março de 1973. Para este dia a Diretora da nova escola Hilda Fin, convocara a primeira reunião do corpo docente, por sinal, bem incompleto. (Vilma Confortin Scherer, primeira Auxiliar de Direção em 1973. 2012, p. 41)

Essas memórias frisaram a dificuldade que foi iniciar as aulas na escola, pois eram de toda a ordem falta de acessibilidade, mobiliário, material didático e profissionais, questões que aos poucos foram sendo sanadas, pois havia muita euforia e entusiasmo na equipe que assumira a escola:

Lenita Balbinot (2012, p. 38) escreveu:

(...) trabalhar no Zélia Scharf foi um privilégio. O corpo docente diretivo e administrativo era formado por um grupo de profissionais que realizavam trabalho dedicado e comprometido, “vestindo a camisa do Zélia” visando à construção de uma educação de qualidade, atuando a partir da realidade do bairro.

Havia uma empolgação para por em funcionamento a escola nova, apesar das dificuldades. A edificação era nova, com pavilhões modelo de indústria, com uma pequena varanda em frente às salas de aula. Na época de chuvas, apesar da cobertura, os alunos tinham pouco espaço para se abrigar devido aos fortes ventos, faltava à adequação dos espaços a necessidade. Vale dizer que esta condição ainda persiste em 2015, pois a escola nunca teve reforma ou modificação desde a sua inauguração.

Inicialmente a escola atendia somente os próprios alunos, oferecendo educação geral. Em 1979 iniciou as atividades de formação especial, que foi regulamentada pela portaria 134/SEE de 15/09/1982, assim passou a ser denominada Escola Básica Integrada Professora Zélia Scharf. Foi chamada de integrada, pois, passou a atender alunos oriundos de mais três escolas básicas em atividades especiais.

Tendo sido transformada em Escola Básica Integrada de acordo com a Lei 5692/71, iniciou suas atividades em agosto de 1979. Além da formação geral os alunos recebem formação especial, sendo iniciados para o trabalho nas áreas de Práticas Industriais, Práticas Comerciais e de Serviços, Práticas Agropecuárias, Práticas Integradas do Lar, além de Educação Artística e Ciências (em laboratórios). (ESCOLA BASICA INTEGRADA ZÉLIA SCHARF, s/d)ⁱ

No período a escola atendia 1188 alunos distribuídos em 34 classes. Atendia além de seus alunos, aos das Escolas Básicas Articuladas, na área de formação especial, a saber: Escola Básica Articulada “Professor Eurico da Costa Carvalho” com 196 alunos distribuídos em seis classes; Escola Básica Articulada “Professora Irene Stonoga” com 134 alunos distribuídos em 4 classes; e a Escola Básica Articulada “Coronel Lara Ribas” com 161 alunos em 7 classes.

A secretária Lenita Balbinot (2012, p.38) ainda ressaltou:

A transformação de Escola Básica em Escola Básica Integrada (a única da região), com funcionamento das salas ambientes foi mais uma das características que tornava a “Escola Zélia Scharf, um educandário que se destacava pela qualidade das ações que realizava. A extinção da Escola Básica Integrada foi muito sentida pela comunidade escolar, considerando ser uma nova escola, cujos resultados já se faziam sentir.

Pelas palavras da secretária havia somente uma escola integrada na região de Oeste de Santa Catarina, o que nos leva a questionar se havia outras no estado e no país com essas características se estas escolas faziam parte das políticas governamentais do período?

O corpo docente da escola contava com 49 professores de 1ª a 8ª série e Corpo Administrativo com 15 funcionários. Visando o melhor entrosamento entre a Escola-família-comunidade, funciona a ASSOCIAÇÃO DE PAIS E PROFESSORES (...) e o CLUBE DE MÃES (...) ambos desenvolvendo um trabalho proveitoso e dinâmico junto à escola, aos alunos necessitados e às suas famílias. (ESCOLA BÁSICA INTEGRADA PROFESSORA ZÉLIA SCHARF, s/d) (os destaques são do texto original)

Conforme os documentos mostram, a gestão escolar teve a preocupação de aproximar as famílias à escola pelas entidades representativas revelando o caráter integrador da mesma, para além das atividades de formação especial ou pedagógica a qual se destinava. A escola contava também com o Centro Cívico Escolar, responsável pelas atividades cívicas e culturais, bem característico dos anos de 1970, onde foi muito cultivado o civismo e o amor à pátria como valores essenciais. A escola possuía também um consultório dentário que prestava serviço diário aos alunos de 7 a 14 anos, com profissional formado em odontologia.

A integração da escola com a comunidade foi ressaltada pelos diferentes segmentos no livro comemorativo dos 40 anos

Com a faculdade: Hilda Fin (2012, p. 14) primeira diretora do estabelecimento declarou:

Como eu comecei a fazer faculdade de Pedagogia na Fundeste (hoje Unochapecó) em 1979 – 1ª turma – e nós estudávamos planejamento, projetos, nós trazíamos os professores da faculdade para orientar os nossos professores. Juntos nós planejávamos metas inovávamos em Educação, tanto que a escola Zélia que no começo era vista como uma escola de bairro passou a ser referência em qualidade de ensino.

Com a igreja católica, por ocasião das Santas Missões como expõem Otávio Carminatti (2012, p.26), liderança comunitária:



Em 1983 foi realizada a pregação das Santas Missões da Igreja Católica de 1 a 5 de junho. Desta data em diante começamos a rezar os cultos e missas dominicais na sala de aula da escola. Ali também foram escolhidos os primeiros coordenadores da nossa comunidade Cristo Rei, precisamente no dia 28/07/1984.

Os professores incentivavam os alunos a participar de entidades culturais e artísticas como nos conta o professor Norberto Pontel (2012, p.33).

Penso que no Zélia fiz duas pequenas diferenças. Primeira: trabalhei com teatro “estudantil” (com alunos de várias escolas) proporcionando assim momentos de comunicação agradável. Através da arte cênica. A segunda diferença foi o fato de eu escrever livros-romances e poemas – inclusive recorde de um lançamento de um romance meu, se não me engano, “A lição das Montanhas”. Foi uma noite muito legal. (...) Recordo também com alegria que incentivei a leitura (...) alunos (as) por gostarem de literatura, participaram das atividades da ACHE (Associação Chapecoense de Escritores), como foi o caso de Silvia de Carli e Fernanda Gazoni. Inclusive, escreviam e declamavam poemas.

A escola participava ativamente nas atividades artísticas, culturais e esportivas promovidas pelo município e estado, recebeu várias menções honrosas, prêmios e troféus de festivais de dança, coral e competições esportivas, pois tinha um coral infantil, corpo de baile e diversas equipes esportivas de diferentes modalidades. Estas participações eram possíveis devido as festas e promoções que as entidades democráticas a Associação de Pais e Professores, o Clube de Mães e o Centro Cívico organizavam. Assim conseguiam dinheiro pra as roupas, as inscrições, transporte e alimentação. Essas atividades eram desenvolvidas voluntariamente por professores e pessoas da comunidade.

Um pouco das memórias da professora Elza Gloria Constanci (2012, p.164) que trabalhou na escola de 1981 a 1987 com a disciplina de Educação Artística.

Tivemos muitos momentos inesquecíveis que vale a pena lembrar. Após o horário de aula, duas vezes por semana eu ensinava flauta doce para um grupo de onze alunos. Uma vez por semana tínhamos ensaio de com o Coral Infantil. Destes saíram cantores que atuam até hoje. A professora Agnes dava aula de escultura e a professora Sara dança italiana. Formou o Grupo Galito. Tudo era feito fora do horário de aula e gratuitamente. A arte estava em alta.

No documento “Histórico da escola” encontra-se o conceito de educar e as intenções de educar.

Educar é construir para o futuro. É procurar fórmulas e processos novos na ação educacional, para que as gerações se sucedendo, sintam o enriquecimento experiencial, e as transformações ocorridas na área da educação. Dentro destes princípios, a escola visa para a formação dos alunos, a meta (sic): “SER MAIS PARA SI E PARA A SOCIEDADE”. (ESCOLA BÁSICA INTEGRADA PROFESSORA ZÉLIA SCHARF, s/d) (destaques do texto original).

Neste trecho do documento percebe-se o alinhamento do conceito de educar visando a preparação para o futuro pela sua formação individual “para si e para a sociedade”, preceitos da Lei 5692/71 em seu Artigo Primeiro:

O ensino de 1º e 2º graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício da cidadania.

A preocupação na formação para si e para sociedade de formação individual (auto-realização) de produção fragmentária em série leva-me a questionar se o envolvimento comunitário que a escola tinha não era contraditório com esses princípios. A escola proporcionava aos alunos uma formação comunitária, envolvendo-os como sujeitos ativos, mas por outro lado havia uma legislação para formar trabalhadores em série para atender a indústria. Questiono se estava presente essa contradição para os gestores e professores da escola?

Entende-se por comunidade

*“... pela potencialidade de comunicação com o outro, pelo interstício, pela produção comum de multiplicidades em encontro, pela capacidade de ações coletivas que não remetem a unidade, uma comunidade que se faz na diferença, nas singularidades.”
(GOTARDO, 2012)*

Essa construção de comunidade se expande para além de um território ou grupo de pessoas definido de características comuns, e sim um envolvimento com a vida dos sujeitos, com suas ambições e singularidades, com as políticas e culturas do micro para o macro e vice-versa.

Essa comunidade escolar se constrói na cidade de Chapecó que era um município pacato com 49.693 habitantes até 1970, com a instalação de frigoríficos, em 1978, a população aumentou, chegando a 95.000 habitantes. (PAIM, 2006) O aumento populacional gerou a necessidade de diferentes serviços nas áreas de saúde, habitação, transporte e educação, demandas que associadas às ambições de desenvolvimento e crescimento econômico mobilizou o poder público e privado a organização dos bairros que se formaram no entorno do centro da cidade devido ao êxodo rural.

Cabe ressaltar que o Brasil neste período vivia sob o regime de ditadura civil militar que visava a industrialização do país e a demanda de trabalhadores qualificados que levava a criação de inúmeras escolas em diferentes partes do Brasil, é a chamada universalização da educação. A EEI Professora Zélia Scharf vem responder a essa demanda?

Esta breve contextualização histórica da escola, seu local de funcionamento, seu currículo, seus sujeitos e suas intenções me instigam a estudá-la com mais detalhes, pois

como ex aluna (1973 – 1976) e ex supervisora escolar (2008 -2012) e organizadora do livro comemorativo dos 40 anos desta escola que hoje se denomina Escola de Educação Básica Professora Zélia Scharf, muitas perguntas foram surgindo para além desse ufanismo econômico, atendimento de demandas populacionais no campo da educação que vem sendo relatado pela história da educação e outras áreas. Particularmente me chamou a atenção porque a Escola Integrada foi instalada no bairro da Lagoa? Porque teve poucos anos de funcionamento, o que levou a sua extinção? Como foi organizado seu funcionamento, pelos gestores e professores, especialmente das disciplinas especiais, os quais atendiam os alunos das Escolas Articuladas, uma vez que eram alunos de 11 a 14 anos? Que a formação profissional tinham os professores que atuaram nas disciplinas de formação especial voltadas as artes práticas agrícolas, industriais, comerciais e educação para o lar. Quantas escolas Integradas havia em Santa Catarina e qual a relação delas com a política vigente?

O estudo objetiva compreender a cultura escolar produzida na Escola Básica Integrada Professora Zélia Scharf no período de 1979 a 1986. Este estudo terá como fundamentação teórica a abordagem sócio-histórica da forma escolar sistematizada por Guy Vincent, Bernarde Lahire e Daniel Thin (2001), que analisada no todo ou em partes possibilita a emergência da forma escolar indissociável da socialização que ela instaura no conjunto das práticas educacionais institucionais. Esses autores subsidiam os estudos de interferência da legislação educacional, das políticas sócio administrativa dos anos de 1970 na implantação e gestão da escola, bem como no fazer pedagógico e como esta escola responde a estas formas de exigência. Ajudará a entender a influência que teve a escola integrada na comunidade do bairro da Lagoa, na cidade de Chapecó e em um jogo de escalas (REVEL, 1998) na sociedade brasileira.

A escola para se constituir uma instituição educacional produz uma cultura própria, que Dominique Julia (2001) denomina de cultura escolar, a qual se constitui como objeto histórico. Como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos. Também é um lugar de resistências, ressignificações, pois são normas e práticas são ações humanas, criativas, ativas, imbricada com a lógica social. Este conceito permite o pesquisador a entrar na escola e visualizar sua constituição histórica, social e política, pois as normas e as finalidades regem a escola prescricivamente segundo o interesse social e político do período histórico

de sua criação; o papel da profissionalização necessária ou reconhecida para este fazer pedagógico infere uma exigência segundo os interesses; e os conteúdos e as práticas ensinados e vivenciados por professores e alunos formam a cultura escolar e a cultura da escola em estudo, significando e singularizando as interpretações e práticas ali realizadas.

Por se tratar de um estudo do tempo presente vislumbro a possibilidade de através das narrativas dos profissionais da escola e entrecruzando com as fontes documentais produzir uma história das vivências e experiências (THOMPSON, 1981) da escola integrada, com o imbricamento da cultura escolar ali produzida. Esse imbricamento se dá ao questionar as práticas culturais como constitutivas da sociedade e não somente como produto das relações socioeconômicas.

Nesta escola foram ministradas disciplinas escolares vinculadas aos fazeres práticos, com o objetivo de preparar para o trabalho, para entender essa originalidade busca-se em André Chervel (1990, p. 180) subsídios sobre a história das disciplinas escolares.

[...] uma disciplina escolar comporta não somente as práticas docentes da aula, mas também as grandes finalidades que presidiram sua constituição. Uma "disciplina" é igualmente, para nós, em qualquer campo que se a encontre, um modo de disciplinar o espírito, quer dizer de lhe dar os métodos e as regras para abordar os diferentes domínios do pensamento, do conhecimento e da arte.

Essa definição de disciplina reforça a pergunta de Chervel (1990, p. 177) “a observação histórica permite resgatar as regras de funcionamento, ver um ou vários modelos disciplinares ideais, cujo conhecimento e exploração poderiam ser de alguma utilidade nos debates pedagógicos atuais ou do futuro?”

Contextualizando nesta pesquisa as regras e funcionamento de saberes práticos constituídos em disciplinas poderiam exercitar a mente e disciplinar o espírito das crianças e adolescentes, preparando-lhes para o trabalho, uma vez que a prescrição pretende atender o objetivo da lei 5692/71 em “preparar para o trabalho” e o exercício da cidadania?

Péres Gómez (2001) auxilia nas interpretações culturais necessárias no momento de mudanças sociais, políticas e de vida cotidiana na sociedade, pelas exigências das demandas da industrialização e urbanização que se faziam presentes.

Estudos sobre a história da educação brasileira como de Diana Vidal (2010), Luciano Mendes Filho (2004) e em especial Galdys Mary Ghizoni Teive que estuda a reforma de Orestes Guimarães em Santa Catarina em 1911 servirão de aporte para a análise da cultura escolar produzida na Escola Básica Integrada Professora Zélia Scharf. Conforme Teive (2010,



p.322) “a cultura escolar nos auxilia na abertura da caixa-preta da escola, como queriam os sociólogos da Nova Sociologia da Educação/NSE inglesa já nos anos 1960, possibilitando compreender como a instituição escolar traduz normas, regras, saberes e práticas prescritas”.

A intenção da pesquisa é abrir essa caixa-preta da escola para ver o que ela produziu culturalmente e se imbrica com a comunidade em constituição.

Referencias

- BRASIL. MEC. Lei de Diretrizes e Bases da Educação, 5692/71. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15692.htm em 05/11/2014.
- BALBINOT, L. Recordando. In: PAIM, A.R. (org.) **A vida na escola: rememorando os 40 anos**. Chapecó, 2012. p. 37-8.
- CARMINATTI, O. Palavras. In: PAIM, A.R. (org.) **A vida na escola: rememorando os 40 anos**. Chapecó, 2012. p. 26.
- CHERVEL, A. (1990). História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*. n.2. p.177-229.
- CONSTANCI, E.G. Educação Artística na escola integrada. In: PAIM, A.R. (org.) **A vida na escola: rememorando os 40 anos**. Chapecó, 2012. p. 163-4.
- COUTO, Mia. **A Menina sem palavras**; histórias de Mia Couto. São Paulo:Boa Companhia, 2013.
- ESCOLA BASICA INTEGRADA PROFESSORA ZÉLIA SCHARF. Histórico do Estabelecimento. Datilografado. Chapecó, s/d.
- ESCOLA BASICA INTEGRADA PROFESSORA ZÉLIA SCHARF. Datas Oficiais da Escola. Mimeografado. Chapecó, s/d.
- JULIA, D.A cultura escolar como objeto histórico. **Revista brasileira de história da educação** n°1 jan./jun. 2001.
- FARIA FILHO, L.M. de ; Vidal, D. G. ; GONÇALVES, I. A.; PAULILO, A. I. (2004). **A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.1, jan./abr. p. 139-159.
- FIN, H. entrevista com Hilda Fin – primeira diretora. In: PAIM, A.R. (org.) **A vida na escola: rememorando os 40 anos**. Chapecó, 2012. p.11-24.
- GOTARDO, Suzana Maria etal. Pensando a relação escola-comunidade como exercício de produção do comum. Disponível http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/anos_XVenabrapso/67. Acessado 10/08/2015.
- PAIM. E. A. Aspectos da constituição histórica da região oeste de Santa Catarina. *Saeculum*. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, n. 14, jan/junb.2006.
- PAIM. A.R. **A vida na escola...rememorando os 40 anos**. Escola de Educação Básica Professora Zélia Scharf. Chapecó, 2012.
- PACHECO, M.H.I, Quarenta anos do Zélia Scharf. In: PAIM, A.R. (org.) **A vida na escola: rememorando os 40 anos**. Chapecó, 2012. p. 35.
- PÉREZ GÓMEZ, A. I. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre. Artemed Editora, 2001.
- PONTEL, N. Ensinando e aprendendo. In: PAIM, A.R. (org.) **A vida na escola: rememorando os 40 anos**. Chapecó, 2012. p. 33-4.
- REVEL, Jauques. Microanálise e construção do social. In.: REVEL, J. **Jogos de escala: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- ROTAVA, E.P. Lembranças. In: PAIM, A.R. (org.) **A vida na escola: rememorando os 40 anos**. Chapecó, 2012. p. 64.
- SCHERER, V.C. o Zélia e eu... In: PAIM, A.R. (org.) **A vida na escola: rememorando os 40 anos**. Chapecó, 2012. p. 41.



TEIVE, G. M. G. Como se fabrica uma professora moderna? Apreciações da reforma Orestes Guimarães na cultura escolar da Escola Normal Catarinense (1911-1935). In.: VIDAL, D. G., SCHWARTZ, C.M. (org) **História das culturas escolares no Brasil**. Vitória: EDUFES, 2010.

THOMPSON, E.P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar. 1981.

VIDAL, D. G; SCHWARTZ, C.M. (2010). Sobre cultura escolar e história da educação: questões para debate. In: VIDAL, D.G.; SCHWARTZ, C.M. (Orgs.). **História das Culturas Escolares no Brasil**. vol. 1. Vitória - ES: EDUFES. .p.13-35.

VINCENT, G. LAHIRE, B. THIN, D. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 33, jun/2001.

ⁱ Histórico do Estabelecimento: texto escrito por ocasião do Dia da Pátria e enviado às autoridades para ser lido quando a escola desfilava na Avenida Getúlio Vargas no centro da cidade de Chapecó.